

A Liberdade de Pensamento para o Avanço Tecnológico

Alysson Marcius Roberto

A Grécia clássica é considerada por muitos como o berço da história das ideias no ocidente. O próprio modelo de “polis” e a noção de direito se manifesta hoje com pelo menos um “teor” ateniense. Acontece que, mesmo os sofistas (considerados por Sócrates como imitadores da “aletheia” através da retórica), tinham como conceito fundamental o compartilhamento entre, os cidadãos, da sabedoria acerca da linguagem: todos os atenienses deveriam ser “políticos”, tendo esta última palavra sentido antônimo à “idiota”. A linguagem retórica é que inseriria o cidadão nos assuntos da polis e os habilitaria a interagir como cidadãos. Temos, parece-me, a primeira noção de expansão tecnológica para o bem comum. Se tal não é o que efetivamente se deu, imagino que, pelo menos, era a intenção dos sofistas.

Temos, pois, que considerar a linguagem como tecnologia, seja no que concerne à persuasão ou à informação. Os gregos sabiam disso, e até Sócrates e seus discípulos (o maior sendo Platão) na busca pela verdade ideal procuravam compartilhar a tecnologia que, para eles, era o instrumento que “nos libertaria da caverna”; trata-se da dialética. Durante muito tempo, enquanto a informação e, por conseqüência, o avanço tecnológico se encontravam travancados pela religião monoteísta maior, tivemos a chamada “idade das trevas”. Nela o domínio do pensamento religioso tirava as possibilidades de um crescimento, ousado dizer, humano. Assim foi até o renascimento e a reintegração do homem ao seu merecido foco. Novamente lançávamos um olhar inteligente sobre nós mesmos e sobre nossas crenças, e aqui fica o maior exemplo de Lutero.

Depois da contra-reforma, quando a produção, inclusive artística, sofria um grande controle das instituições (basta nos lembrarmos dos selos que se encontram nas páginas iniciais de certas obras, como Dom Quixote e Compêndio narrativo do peregrino da América), e da tentativa de se re-impôr o dogmatismo ideológico católico, os iluministas lançaram, com Kant, a expressão máxima do pensamento subjetivo: não se haveria mais de temer o “pensar”, não se haveria mais de abster de ideias, e então, chegou o momento do homem apoiar-se no ideário da liberdade, fraternidade e igualdade.

Eclodiram as revoluções de independência e liberdade; vieram as revoluções industriais, o cientificismo e a belle époque, o fordismo e, por fim, os monopólios.

Chegaram a fotografia, o cinema, o rádio, a TV, satélites, a informática, e até o tempo e o espaço, outrora tão caros a Kant, puderam ser suprimidos através da tecnologia que fundou o mundo virtual. Mas a tecnologia que possibilitou tal fundação e a integração do homem com o que há de mais sofisticado em termos de avanço tecnológico se encontra nas mãos de um só. É tempo de retomar o que é da humanidade por direito: não chegaríamos ao digital se antes não tivéssemos refletido sobre o real, e nenhuma empresa pode tomar para si todo engenho humano proveniente dos séculos passados apenas por ter fundado um software. O conhecimento é propriedade de todos os homens, e só assim há de ser para que se não estagnem as ideias como na idade média.

Surge o software livre. O Linux aparece como opção para aqueles que acreditam no potencial coletivo (e mesmo individual) de todos os homens. A abertura dos códigos do software livre nos remete a uma época cujo avanço filosófico-científico não visava apenas ao acúmulo de capital. O software livre se nos apresenta como resposta ao domínio do monopólio da Microsoft, deve ser compreendido como tal, como instrumento político que possibilita o rearranjo do controle pelas massas: se hoje tecnologia é poder, o software livre é que procede de forma a dá-lo ao povo. Após muito tempo de controle do Windows, hoje nos dirigimos à época do “faça você mesmo”, e do “A união faz a força”. Tal empreendimento se sugere iminente, porém é preciso que o próprio Estado democrático apóie este projeto. É necessário que os aparelhos públicos dos estados e da União insiram o software livre em sua estrutura; só assim alcançaremos a democracia digital plena que o

Linux nos propõe.